



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

HILDERLAN SOUSA SILVA

**OS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA: UM OLHAR SOBRE O GÊNERO
TEXTUAL SEMINÁRIO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

HILDERLAN SOUSA SILVA

**OS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA: UM OLHAR SOBRE O GÊNERO
TEXTUAL SEMINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras Português.

Orientadora: Prof. Dra. Dalva Lobão Assis

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586o Silva, Hilderlan Sousa.
Os gêneros orais em sala de aula [manuscrito] : um olhar sobre o gênero textual seminário / Hilderlan Sousa Silva. - 2019.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Dalva Lobão Assis, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Gêneros textuais. 2. Gêneros orais. 3. Oralidade. I.
Título
21. ed. CDD 410

HILDERLAN SOUSA SILVA

OS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA: UM OLHAR SOBRE O
GÊNERO TEXTUAL SEMINÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras Português.

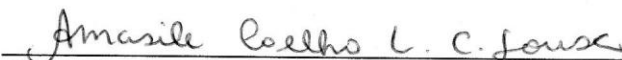
Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovado em: 26/06/2019.

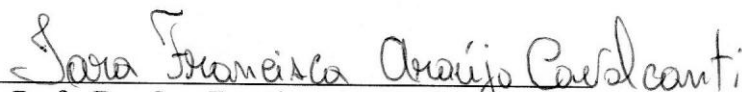
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Dalva Lobão Assis (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, porque por ele vivemos, nos movemos e existimos, DEDICO.

“A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.”

M. Bakhtin

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Visão dicotômica da relação Fala x Escrita	19
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS: DA DEFINIÇÃO AO “CONTINUUM” TIPOLOGICO	10
3. OS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA – DESAFIOS E PERSPECTIVAS	16
4. O GÊNERO ORAL SEMINÁRIO: POSSIBILIDADES DE ENSINO	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	26

OS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA: UM OLHAR SOBRE O GÊNERO TEXTUAL SEMINÁRIO

Hilderlan Sousa Silva*

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar os gêneros orais em sala de aula, tendo em evidência o gênero seminário. Com isso pretende-se observar como o espaço escolar tem feito uso desses gêneros, e também como essas práticas orais são priorizadas nas escolas, além de verificar como se dá a relação contínua entre fala e escrita nas instituições de ensino. Este estudo foi desenvolvido tendo como base o referencial teórico de autores como Bakhtin (2003), Marcuschi (2005, 2007, 2008) e Dionísio (2007), que discutem sobre as ligações existentes entre a fala e a escrita, e nas colaborações inerentes ao exercício dos gêneros orais aprofundadas por Dolz & Schneuwly e outros colaboradores da Escola de Genebra (2004), para citar alguns. Nesse estudo ficou evidenciado que o ensino desses gêneros, com ênfase no seminário, são compostos de diversos princípios que precisam ser aplicados no espaço escolar, com o intuito de que o aluno conheça e entenda a importância e o uso dos gêneros orais.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Gêneros Oraís. Oralidade. Seminário.

ABSTRACT

This article aims to analyze the oral genres in the classroom, taking into account the seminar genre. With this, we intend to observe how the school space has made use of these genres, and also how these oral practices are prioritized in schools, as well as to verify how the continuous relationship between speech and writing occurs in educational institutions. This study was developed based on the theoretical reference of authors such as Bakhtin (2003), Marcuschi (2005, 2007, 2008) and Dionísio (2007), who discuss the links between speech and writing, and the collaborations exercise of oral genres in depth by Dolz & Schneuwly and other collaborators of the Geneva School (2004), to name a few. In this study it was evidenced that the teaching of these genres, with emphasis in the seminar, are composed of several principles that need to be applied in the school space, in order that the student knows and understands the importance and the use of oral genres.

Keywords: Textual genres. Oral Genres. Orality. Seminar.

* Aluno de Graduação em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: derlanidb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Há décadas o ensino dos gêneros orais no Brasil é citado em documentos oficiais que regem as práticas pedagógicas e educacionais e, por conta disso, encontramos muitas discussões a respeito da aplicabilidade desses gêneros em sala de aula. Essas discussões se iniciam a partir do momento em que é considerado que os gêneros utilizados pelo indivíduo, sejam eles orais ou escritos, dependerão da necessidade exigida pela situação comunicativa. A partir disso, a escola passa a considerar desnecessário o ensino da oralidade, uma vez que considera que o aluno já domina essa modalidade da língua, não necessitando, pois, de um aprimoramento de sua fala, sobretudo nos usos formais dessa modalidade linguística.

Ao observar o sistema escolar atual percebemos que as escolas estão distantes de estabelecer o uso dos gêneros orais, pois em sua maioria consideram apenas os gêneros escritos como formais e válidos, desconsiderando o uso dos gêneros orais. Além disso, consideram que na escola devemos ensinar apenas as habilidades referentes à escrita deixando o ensino do oral em segundo plano, pelo simples fato de o aluno já desenvolver a fala de modo eficaz, considerando a fala uma atitude espontânea e para a qual não é necessária uma estrutura mais elaborada. Nesse aspecto, desconsideram a relação contínua entre fala e escrita, conquanto, as práticas orais devam ser priorizadas e desenvolvidas nas escolas (cf. Marcuschi, 2007). Apesar de poucos professores serem conscientes dessa necessidade, temos visto que um dos gêneros orais formais que aos poucos vem sendo explorado no ambiente escolar é o Seminário, alvo de estudo do presente trabalho.

Nesse artigo, veremos o quão importante é desenvolver a oralidade dos nossos alunos, no entanto, algumas instituições escolares trabalham o seminário em sala de aula visando apenas a obtenção de uma nota para os seus alunos, ou seja, sua aplicação é meramente avaliativa, com pouca sistematização, visando apenas colocar uma nota sem se preocupar como o aluno desenvolve essa oralidade, que faz parte de um uso formal da linguagem.

Muito se tem falado sobre a necessidade do ensino da oralidade em sala de aula, numa perspectiva de ensino diversificado, que não enxerga apenas a escrita como único meio possível para que o indivíduo desenvolva competências e habilidades essenciais para a realização das mais diversas atividades sociais. O Seminário é sempre indicado como uma das propostas que trabalha o oral em que estão incluídas práticas de leitura e escrita. Nessa perspectiva o seminário é uma oportunidade que os alunos têm para vivenciarem experiências que não fazem parte do seu cotidiano em que assumem uma posição de destaque numa situação de exposição oral.

Diante disso, em nossa pesquisa, objetivamos desenvolver uma reflexão sobre a aplicabilidade do gênero oral formal Seminário em sala de aula do ensino básico, apontando para um possível encaminhamento a respeito do que se entende por gêneros orais, fazendo com que o professor compreenda que eles não se limitam, apenas, a oralizar o que está escrito, pois, durante o desenvolvimento dos gêneros orais, o indivíduo, tal como na escrita, está sendo sujeito de sua linguagem, fazendo uso de elementos linguísticos e não-linguísticos para interagir na e pela linguagem. Em nossas considerações, traremos também algumas sugestões que visam apontar caminhos que facilitem o uso dos gêneros orais de maneira sistematizada no cotidiano escolar, observando como os professores de língua materna fazem uso desse gênero, visando melhorar os desempenhos dos alunos no que se refere aos estudos dos gêneros orais.

No primeiro tópico, traçaremos as perspectivas teóricas que compõem as multiformes facetas dos gêneros textuais orais e escritos, sua definição e características, através das considerações de Bakhtin (2003) e de outros linguistas, como Fiorin (2006), Bazerman (2005), além de enfatizar a ideia de “continuum” tipológico entre esses gêneros, proposta por Marcuschi (2005, 2007, 2008).

No tópico seguinte, apresentaremos os pressupostos teóricos que abarcam o trabalho didático com os gêneros orais, identificando alguns desafios e perspectivas nessa empreitada pedagógica, tendo como base as teorias elaboradas por Dolz e Schneuwly, autores que se dedicaram, entre outros aspectos, a essa abordagem do ensino da exposição oral em sala de aula. Trabalharemos, também, com as conexões existentes entre o ensino da oralidade, especificamente o Seminário, e os documentos oficiais.

Em seguida traremos algumas considerações mais pontuais a respeito do gênero oral seminário, evidenciando alguns conceitos desenvolvidos pelos teóricos de Genebra (2004) e aqui, no Brasil pelos PCN (1997) e por autores como Goulart (2005) e Bueno (2008), entre outros. Finalizando, traremos em nossas considerações finais, algumas reflexões a respeito de como a linguagem oral é vivenciada no âmbito escolar tendo como ponto de partida os gêneros orais.

2. OS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS: DA DEFINIÇÃO AO “CONTINUUM” TIPOLOGICO

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

(M. Bakhtin, 2003)

Em nosso cotidiano, é comum produzirmos e nos depararmos com os mais diversos textos sejam eles escritos ou orais. Estamos circuncidados por diversos deles: jornais, revistas, manuais de equipamentos eletrônicos, anúncios, e-mails, mensagens de texto em aplicativos de dispositivos móveis, etc., assim como temos também diversos textos que são produzidos na oralidade, por exemplo um diálogo, um debate, uma entrevista de emprego ou áudios que enviamos através dos nossos aparelhos celulares, entre outros.

Para que possamos nos expressar de maneira clara, sempre fazemos uso da linguagem. É através dela que conseguimos exprimir nossas vontades, sensações, pensamentos e opiniões. Toda linguagem se constitui através de enunciados. É a partir dela que temos o entendimento daquilo que nos cerca e temos capacidade de intervir diante das situações. Conforme afirma Fiorin (2006, p. 61):

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas implicam na utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação [...]. Só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados [...].

É importante considerar que a linguagem só é realizada quando há uma interação de um indivíduo com outro. Todo ser humano é reconhecido pelos elos que desenvolve e nessas relações deixam marcas e evidências que o identificam por toda sua existência. Koch (2003, p. 128) nos mostra que é primordial considerar a linguagem humana como um ambiente de interação, de constituição de identidades, de representação de papéis e de negociação de sentidos por palavras. Segundo a autora, é fundamental considerar a linguagem como um lugar de interação social organizada através de gêneros textuais constituídas em textos.

Segundo Bakhtin (2003), a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico, executada em formas de enunciados únicos e concretos. Ele ainda afirma que a criação de cada enunciado não é feita de modo aleatório, mas com um determinado fim, pois está dentro de um contexto previamente estabelecido.

Devido à especificidade social e dialógica dos enunciados que produzimos, consideramos que estes se concretizam a partir das particularidades das situações em que ocorrem e de um fim comunicativo. Não devemos tratá-los independentemente de sua realidade social e de sua ligação com as habilidades e tarefas humanas. Sobre isso, Bakhtin (2003, p. 261, 281) afirma que

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo [...]. Em cada enunciado [...] abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e suas fronteiras. [...] A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal de seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. (grifos do autor).

Esse discernimento está totalmente ligado aos conceitos de texto e discurso. Conforme Marcuschi (2008), todas as nossas manifestações verbais mediante a língua, ou discursos, se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados. Desta forma, o discurso, quando realizado, se expressa linguisticamente através de textos. Os textos, por sua vez, quando materializados no cotidiano, apresentam-se como gêneros textuais determinados pelas práticas sociocomunicativas. Ou seja, “nós falamos por gêneros diversos sem suspeitar da sua existência” (BAKHTIN, 2003, p. 282). Por isso os gêneros são parâmetros para falantes e escritores, pois ordenam e estabilizam as atividades comunicativas do dia a dia (MARCUSCHI, 2007). Com respeito a isto, Bazerman (2005, p. 29) afirma que:

Se percebemos que um certo tipo de enunciado ou texto funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma certa maneira, quando nos encontrarmos numa situação similar, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar. Se começamos a seguir padrões comunicativos com os quais as pessoas estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar. Assim, podemos antecipar quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas e reconhecíveis.

Nessa ótica, os gêneros são concebidos como formas de comunicação reconhecíveis e tipificadas. Bazerman (2005) ressalta que quando tipificamos os gêneros, tipificamos situação a qual nos encontramos. A tipificação, além de constituir e dar significado as situações, sinaliza os tipos de ações que deverão ocorrer em uma dada situação comunicativa. Devido às características específicas de cada situação nós saberemos utilizar o gênero mais apropriado mesmo sem conhecer todas as suas particularidades, pois os gêneros retratam a organização da sociedade. Sempre que executamos um texto, seja ele oral ou escrito, levamos em conta diversas peculiaridades que interferem em sua construção: o conhecimento prévio que, supostamente, o interlocutor (ouvintes ou leitores) tenha sobre o assunto abordado, suas ideologias e, caso haja, as relações de afinidade. Esse processo de contextualização tem como objetivo obter as finalidades e as intenções sociodiscursivas do locutor, que colabora no momento de escolher o gênero que será posto em prática. Jobim e Souza (1994) relatam que a situação extra verbal, ou contexto, não age sobre o enunciado, mas integra-se a ele como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação.

É importante considerar que todo texto é elaborado em direção ao outro integrante da comunicação discursiva, conhecido como o interlocutor. Bakhtin (2003) teceu diversas críticas às pesquisas linguísticas que atribuíam ao interlocutor a condição de sujeito passivo diante de uma situação comunicacional, pois segundo ele a palavra não é de uso exclusivo do locutor. Toda situação comunicativa presume um ouvinte e sempre estará ligada as outras vozes dentro da situação em que se fala. Conforme o autor, a participação do interlocutor é real, pois, o locutor, no momento da produção do seu discurso aguardará sempre uma colaboração ativa, seja ela uma resposta, um consentimento, uma imbricação, uma oposição, um contra-argumento. Cada enunciado é elaborado visando uma compreensão ativa e interativa daquele que ouve.

Diferente do que comumente se dissemina, sobretudo no meio escolar, os gêneros não devem ser analisados em suas estruturas rígidas e invariáveis. “Devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura” (MARCUSCHI, 2008, p. 17). Os gêneros são tipos de enunciados que existem no dia a dia das inter-relações dos seres humanos e, por este motivo, não devemos mencionar uma única classificação dos gêneros, pois as inter-relações humanas modificam-se e se tornam cada vez mais profundas conforme os anos passam, buscando do indivíduo novas maneiras de estabelecer comunicação e meios que os façam utilizar estes gêneros com tamanha habilidade. Temos como exemplo Marcuschi quando afirma sobre os povos que habitavam no planeta Terra antes da existência da escrita, eles faziam uso apenas da oralidade, era o oral que constituía a sua cultura, tornando-os uma população com um grupo de gêneros

limitados. Porém com o surgimento da escrita os gêneros cresceram em grande escala, sem contar que com o nascimento da imprensa a quantidade de gêneros se multiplicaram. Considerando que hoje em dia com o avanço dos sistemas tecnológicos temos novos gêneros surgindo constantemente na oralidade e na escrita. Ainda sobre isto, o autor afirma:

Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (MARCUSCHI, 2007, p. 20)

Esses novos gêneros que se evidenciam na sociedade não são inéditos em sua totalidade, afinal eles se apóiam em outros gêneros que já existem. Bakhtin (2003) já afirmava isso quando categorizou os gêneros do discurso em primários e secundários, declarando que os secundários, durante o seu processo de formação, englobam e reformulam variados gêneros primários. Fiorin (2006, p. 70) afirma que:

Os primários são os gêneros da vida cotidiana. São predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Pertencem à comunicação verbal espontânea e tem relação direta com o contexto mais imediato. São, por exemplo, a piada, o bate-papo, a conversa telefônica. Já os secundários pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a filosófica, a pedagógica, a artística, a científica. São preponderantemente, mas não unicamente, escritos: por exemplo, o sermão, o editorial, o romance, a poesia lírica, o discurso parlamentar, a comunicação científica, o artigo científico, o ensaio filosófico, a autobiografia, as memórias.

Por mais que os gêneros textuais estejam mudando constantemente, observamos que é preciso considerar que há uma correlação entre eles e, devido a sua flexibilidade, podemos adequá-los a diversas situações. Desse modo, os gêneros evidenciam o quanto a língua é ativa e possui várias performances.

Assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural. (MARCUSCHI, 2008, p. 16).

Diante disso, precisamos considerar que todos os textos são concretizados em gêneros que, por causa das suas características específicas, são apanhados ao decorrer da nossa

existência enquanto participantes de uma sociedade. Por isso, os gêneros são padrões comunicativos socialmente reconhecidos e utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas (cf. MARCUSCHI, 2008)

Porém, considerando as atividades desenvolvidas em sala de aula, é possível considerar como a língua escrita é mais estudada e prestigiada. Quando o aluno entra na escola, em sua maioria, já possui um domínio da sua língua materna e através dela se comunica e se situa socialmente, além disso a fala tem total influência na escrita principalmente nos anos iniciais da alfabetização escolar. Por isso não há motivos para que exista essa dicotomia entre oralidade e escrita, em que se superestima a escrita e pretere, quase em sua totalidade, a fala. É preciso entender que “oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade”. (MARCUSCHI, 2007, p.. 15).

Essa polarização existente entre oralidade e escrita é histórica. Com o surgimento da escrita, há uns cinco mil anos, houve uma grande mudança na história da humanidade. No entanto, a palavra oralizada não foi abolida. É preciso considerar que a linguagem oral pode existir sem a linguagem escrita, como exemplo disso basta observarmos as culturas ágrafas, que não desenvolveram habilidades que os levassem ao uso comum da escrita.

Marcuschi (2007) evidenciou em seus estudos a ideia de que oralidade e escrita não são apenas duas modalidades da língua; na verdade, são bem mais que isso, são duas práticas sociais com particularidades específicas, mas que não se confrontam, uma vez que não são diferentes em sua completude, afinal são produtos de um mesmo sistema linguístico: a língua.

Fala e escrita são duas maneiras de funcionamento da língua e não duas propriedades de sociedades diversas. A fala tem sido vista na perspectiva da escrita e num quadro de dicotomias polarizadas. Enquanto a escrita foi tomada pela maioria dos estudiosos como estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, a fala era tida como concreta, contextual e estruturalmente simples. Contudo há os que julgam que a fala é mais complexa que a escrita. (MARCUSCHI 2007, p. 60)

Tendo como alvo nos esclarecer a respeito destes paradigmas: de que a escrita seria a transcrição da fala, e que escrita e oralidade seriam duas modalidades opostas, o autor nos elucidou a respeito das diferenças entre fala e escrita através da teoria do contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual e não em sua relação dicotômica. Com respeito a isso, Marcuschi (2007, p. 17) assegura que

As relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação perpassada pelos gêneros textuais, e não na observação dicotômica de características polares. Isso significa que a melhor forma de observar fala-escrita é contemplá-la num contínuo de textos orais e escrito, seja na atividade de leitura, seja na produção. Esse contínuo é de tal ordem que, em certos casos, fica difícil distinguir se o discurso produzido deve ser considerado falado ou escrito. (grifos do autor).

A teoria dos gêneros textuais, observando a sua aplicabilidade diante da oralidade e da escrita, e tendo como orientação a ideia de contínuo tipológico levantada por Marcuschi, assim como foi explanada neste primeiro momento, nos traz diversos subsídios para o ensino da língua materna, visto que abrange as competências orais e escritas do indivíduo. O trabalho com os gêneros nos dá diversas estratégias de trabalhar com a língua em seus mais diversos usos, pois “quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio- discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (MARCUSCHI, 2008, p. 17)

3. OS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA – DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Saber falar, não importa em que língua, é dominar os gêneros que nela emergiram historicamente, dos mais simples aos mais complexos.

(DOLZ et al., 2004)

De acordo com as reflexões feitas no tópico anterior, torna-se evidente o papel dos gêneros textuais na sistematização das nossas atividades linguísticas e sociais. Eles executam funções primordiais, pois são parte constituinte da nossa sociedade. Essas atividades linguísticas são constituídas em seus diversos usos de linguagem que compõe nosso dia a dia nos mais variados meios sociais em que convivemos. Essa verdade é aceita atualmente, pois para vivermos hoje em dia em comunidade, necessitamos de uma capacidade crítica de expressar aquilo que pensamos. Quando essas habilidades são amadurecidas, teremos a garantia de que faremos um uso mais eficaz das modalidades escrita e oral da linguagem.

Ao nos referirmos aos gêneros textuais, somos diretamente remetidos a textos orais ou escritos exercidos em determinados domínios discursivos; esses textos são definidos por conteúdo temático, formação (ou composição), estilo e, essencialmente, por seus propósitos comunicativos. A compreensão sobre os mais diversos gêneros textuais é um importante

instrumento de socialização para a inserção dos indivíduos nas funções sociais que os envolvem. Deste modo, Antunes (2009, p.54) afirma:

Conhecer os diferentes gêneros que circulam oralmente ou por escrito faz parte de nosso conhecimento de mundo, de nosso acervo cultural. *A escola não pode furtar-se à responsabilidade de promover esse conhecimento.* (grifos nossos).

Tendo em vista esses motivos é necessário, e relevante, o uso de novas práticas educacionais em sala de aula que façam uso “como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio da produção de textos orais e escritos”. A partir deste prisma, “a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino” (PCN, 1998, p. 23). A sala de aula é um ambiente de diversas situações comunicativas e os mais variados ambientes propostos pela escola são ótimas oportunidades para a elaboração e recepção dos mais variados textos. Diante disto, Schneuwly & Dolz (2004) relatam que o funcionamento da escola poderia ser transformado de tal maneira que se multiplicassem as ocasiões de produção de textos, pois “o que é visado é o domínio, o mais perfeito possível, do gênero [...] para que, assim instrumentado, o aluno possa responder às exigências comunicativas com as quais ele é confrontado” (p. 79). No entanto, muitos docentes fazem uso dos gêneros inadequadamente.

Com o intuito de viabilizar o ensino de diversas habilidades, a maioria dos docentes ignoram as etapas de construção, executam os mesmos recursos de ensino para gêneros diversos e os colocam como subterfúgio para permanecerem ensinando conteúdos gramaticais tradicionais e normativos deixando de lado as evidências multiformes da língua. Tendo em vista que o ensino dos gêneros textuais escritos é deficiente, é importante considerar que a utilização dos gêneros orais em sala de aula pode ser considerado ainda mais falho pelo fato de ser um gênero que não tem a atenção que lhe é devida.

Segundo Dolz et al. (2004), o ensino da oralidade e sua aplicabilidade no contexto escolar é restrito. Há uma falha na formação de alguns professores e dos seu processos e planejamentos didáticos. À vista disso, iremos refletir um pouco sobre como alguns gêneros orais são trabalhados em sala de aula, a partir de alguns questionamentos: O que compõe o ensino do gênero oral? Quais os motivos que levam as escolas serem resistentes e dificultosas quando o docente tenta fazer o uso do gênero oral de modo eficaz? Quais são as peculiaridades que compõem esse gênero? Quais gêneros orais são possíveis de serem ensinados e vivenciados em sala de aula?

É comum vermos o gênero oral ser discutido hoje em dia nas academias, pois há um entendimento da linguagem como atividade discursiva, e faz parte da situação comunicativa em que os indivíduos se comunicam. A oralidade está intrínseca ao nosso ao cotidiano. Ao atentarmos quantas vezes durante o dia nos comunicamos uns com os outros, através, por exemplo, de mensagens de áudio, conversações, discussões, veremos como este gênero se faz presente em nosso meio. Por mais que vivamos em uma sociedade que tem a grafia como centro, mesmo assim, utilizamos muito mais a oralidade. Não há questionamentos quando afirmamos que fazemos mais uso da fala que da escrita em nossas práticas diárias, mesmo que a fala e a escrita sejam formadas por peculiaridades diferentes nos seus modos de expressar é importante considerar que a escrita possui maior prestígio diante da sociedade pelo simples fato de serem vistas como opostas e não como complementares em nossa formação discursiva. No entanto, é incontestável que a escrita é mais valorizada socialmente do que a fala e, historicamente, são vistas como dicotômicas. Assim, Marcuschi (2007, p. 28) organiza e cita quais seriam estas dicotomias:

QUADRO 1

Visão dicotômica da relação Fala x Escrita

Fala	Escrita
contextualizada	descontextualizada
implícita concreta	explícita abstrata
redundante	condensada
não-planejada	planejada precisa
imprecisa	integrada
fragmentária	

Fonte: MARCUSCHI & DIONISIO, 2007

Quando se colocam a escrita e fala como opostas, encontramos muitos enganos a respeito de sua abordagem principalmente no ambiente escolar. Marcuschi (2005) aponta que as escolas dão uma demasiada atenção aos gêneros textuais escritos deixando os gêneros orais totalmente a margem. Segundo o autor, as escolas se apóiam nas premissas de que nas instituições de ensino devem ensinar exclusivamente o desenvolvimento de uma boa escrita, uma vez que a fala é tão praticada no dia a dia a ponto de já ser bem dominada e não precisar de ser transformada em objeto de estudo em sala de aula. No entanto, há inúmeras evidências de que os gêneros orais são mais utilizados nas escolas do que os gêneros textuais escritos,

baseiam-se no paradigma de que a escola é lugar para ensinar somente a escrita, uma vez que, “a fala é tão praticada no dia a dia a ponto de já ser bem dominada e não precisar de ser transformada em objeto de estudo em sala de aula” (Marcuschi, 2005, p. 21). Por conta disso, muitas escolas não efetuem as orientações feitas pelos documentos oficiais de orientação pedagógica no que se refere à aplicabilidade dos gêneros orais em sala de aula, como os PCNs (1997, p. 26), que impulsionam o exercício dos gêneros orais nas mais variadas situações comunicativas, considerando que:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.

É importante destacar que o ensino da língua oral só terá êxito quando forem estabelecidas, de modo claro, as características do oral a serem ensinadas. Este é o pressuposto inicial capaz de colocar a oralidade como um objeto de ensino que é reconhecido pela instituição escolar, assim como são a produção escrita, a gramática e a literatura (cf. DOLZ et al., 2004). Porém, para que isto aconteça é necessário que a escola venha se desvencilhar de alguns sofismas como, por exemplo, de que há apenas uma única maneira de falar (que seria uma reprodução equivalente à escrita) e que trabalhar o oral com o aluno seria um dos métodos para consertar a sua fala contribuindo assim para que ele não escreva errado (cf. PCN, 1997). Os alunos dominam somente uma ou algumas poucas variedades e alguns gêneros cotidianos, mas nunca todas as variedades da língua (e raramente a variedade dominante) nem tampouco dominam os gêneros da fala em público. O ensino do oral, segundo Antunes (2003, p. 24) é marcado por

[...] uma generalizada falta de oportunidade [...] de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do “falar em público”.

Lamentavelmente, a oralidade vivenciada e lecionada em sala de aula é apenas a fala, ou oralização dos textos escritos formais. Excluindo o aluno desse objetivo principal da oralidade que é a conquista do discurso, a capacidade de ensinar esses alunos a estabelecer comunicação, argumentar, desenvolver seus pensamentos, argüir quando necessário e amadurecer seus discursos persuasivos. Por mais que os alunos saibam se expor oralmente nos mais variados ambientes e momentos particulares do seu cotidiano, a maior parte dos alunos não sabem como desenvolver a oralidade em circunstâncias formais e/ou públicas. Para que isto ocorra de modo coerente e eficaz, o docente necessita de organização e planejamento ao executar atividades e/ou avaliações utilizando os gêneros orais tendo como alvo o progresso das qualificações comunicativas e linguísticas dos seus alunos em situações que tenha uma relevância clara e um significado. Diante disto, o docente deve fazer uso dos gêneros orais em sala de aula possibilitando que o aluno reconheça e domine o gênero e esteja apto a identificá-lo e assimilá-lo dentro do ambiente escolar ou não.

Acreditando-se que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos. [...] Mas se o que se busca é que o aluno seja um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania, [...] *cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevista, debates, seminários, apresentações teatrais etc.* (PCN, 1998, p. 24, 25) (grifos nossos).

4 O GÊNERO ORAL SEMINÁRIO: POSSIBILIDADES DE ENSINO

Observamos que um dos gêneros orais formais mais presentes e comuns no dia a dia da escola pode ser o seminário. Porém, a maneira como ele é aplicado em sala de aula é de um modo totalmente equivocado, pois, na maioria dos casos, o docente escolhe um assunto em que os alunos desenvolverão suas pesquisas, estabelece a data e o tempo em que o seminário deverá ser apresentado. Além disso, na maioria dos casos, a exposição do seminário realizada pelos alunos é insatisfatória tanto para os docentes como para os próprios discentes, pois é comum vermos os alunos se posicionarem de maneira equivocada perante a turma e não terem consciência do que falar e como falar para a turma que os ouvem.

Dolz et al. (2004) explicam que o seminário é, constantemente, praticado sem a realização de um verdadeiro trabalho didático que pressuponha planejamento e sistematização

das atividades. Dificilmente, os alunos atenderão às expectativas de seus professores, se não houver uma intervenção didática.

A intervenção didática no trabalho sobre exposição deve [...] levar em conta as dimensões comunicativas que lhe são próprias e que visam à transmissão de um saber a um auditório, mas também questões ligadas ao conteúdo, além, é claro, de aspectos mais técnicos, como procedimentos lingüísticos e discursivos característicos desse gênero oral. (DOLZ et al., 2004, p. 217).

O seminário identifica-se através da propagação de informações e conhecimentos, porém é necessário que o indivíduo tenha desenvolvido outras competências, como leitura e interpretação, identificação dos elementos principais do texto que merecem uma atenção especial para serem expostos para os demais alunos, a construção de um outro texto que sirva como base para o que será falado. É importante considerar que a concretização do gênero oral, nesse caso o seminário, não deve existir de maneira improvisada, mas ser fruto de todo um trabalho de (re)elaboração de ideias, conceitos e conteúdos.

Diante disso, é interessante que o professor tenha em vista que não pode apenas delimitar um determinado assunto para ser apresentado, mas, enquanto docente, dar as condições de produção textual necessárias para a realização desse gênero oral, devendo, por exemplo, discutir previamente o tema proposto com o grupo, estimular os alunos a pesquisarem outras fontes a respeito do assunto sugerido, indicar possíveis textos para ilustrar a temática a ser discutida, orientar o aluno a produzir um esquema que norteie a sua explanação oral diante da turma. Com isso, o professor possibilitará ao aluno uma atitude de protagonismo diante da execução do seu trabalho com o texto oral em sala de aula.

O papel do expositor-especialista é o de transmitir um conteúdo, ou, dito de outra forma, de informar, de esclarecer, de modificar os conhecimentos dos ouvintes nas melhores condições possíveis, procurando, diminuir, assim, a assimetria inicial de conhecimentos [...]. *Para fazê-lo, o expositor deve, primeiramente, construir uma problemática, levando em conta aquilo que os ouvintes já sabem sobre o tema abordado, assim com as suas expectativas em relação a esse tema.* Deve, igualmente, ao longo de sua apresentação, avaliar a novidade, a dificuldade daquilo que expõe – permanecendo atento aos sinais que lhe são enviados pelo auditório –, e, na medida do necessário, dizer de outra maneira, reformular, definir. Por fim, ele deve ter uma idéia clara das conclusões às quais quer levar seu auditório. (DOLZ et al., 2004, p. 219) (grifos nossos).

Considerando que o aluno está como “especialista”, é necessário que organize o

seminário elaborando-o em etapas, tendo como finalidade especificar as fases seguintes que constitui a sua organização interna, evitando que sua exposição oral se restrinja a uma continuidade de seções sem conexão entre si. Segundo Dolz et al. (2004), é viável identificar as seguintes partes:

- Um momento de abertura, no qual o aluno saúda seus ouvintes;
- Um momento de introdução ao assunto do seminário, em que determina o tema que será exposto;
- Um momento de exposição da proposta do seminário, em que o aluno, enquanto expositor, elucida a platéia a respeito de como o tema foi elaborado e como será esquadrinhado;
- Um momento de fase de recordação e resumo do que foi exposto reprisando os pontos mais importantes durante a exposição;
- Um momento de finalização e/ou início para arguições e/ou discussão;
- Um fase de término do seminário, quando o aluno agradece a atenção recebida.

O bom êxito durante a apresentação do seminário necessita de uma boa estruturação, pois será através dela que a construção coletiva dos conhecimentos serão passados de forma clara. Para tanto, é importante ensinar aos alunos a articular as diferentes partes do gênero. É importante lembrar que a atividade não será concluída apenas com a estruturação do seminário, são necessárias medidas que levem os demais alunos à conscientização de que existem métodos que os fazem sustentar de modo coerente os assuntos abordados ampliando assim suas competências linguísticas. Dessa forma, segundo Bueno (2008, p. 09), é indispensável trabalhar formas linguísticas relativas a:

- Realizar as saudações iniciais e o encerramento de modo claro;
- Apresentar os demais participantes do seminário e localizá-los diante de suas falas;
- Durante a execução de sua fala seguir uma linha de raciocínio fazendo com que a turma acompanhe passo a passo do que está sendo falado;
- Utilizar métodos que evidenciem quais são as informações mais relevantes e as menos relevantes;

- Fazer uso de bons exemplos;
- Reapresentar pontos que não ficaram claros para os demais alunos;
- Identificar os autores que sustentem o conteúdo que está sendo apresentado no seminário;
- Entregar o momento da fala para o outro no momento oportuno;
- Quando necessário voltar a alguma fala dita anteriormente por outro componente do grupo;
- Reservar um momento para que os ouvintes possam efetuar perguntas ou comentários; elucidar as questões levantadas pelos ouvintes de modo claro e pacífico;
- Saber reconhecer quando não há aptidões no momento para esclarecer alguma dúvida realizando o encaminhamento correto para o ouvinte;
- Desenvolver indagações que levem o público ouvinte a refletir e se possível discutir sobre o que está sendo falado e encerrar as atividades do seminário de modo satisfatório consciente de que os ouvintes sairão daquele momento elucidados quanto aos assuntos propostos pelo seminário.

Diante disto, uma atividade coordenada como seminário necessita observar as técnicas textuais e discursivas elementares na estruturação do texto a ser emitido, para que os expositores possam incumbir-se, com compatível destreza, a função de “especialista” imposto pelo gênero (cf. GOULART, 2005).

No entanto, pressupondo a multimodalidade da linguagem oral, o seminário, para ser bem executado, necessita não só o domínio dos meios linguísticos que lhe são implícitos, mas também dos meios não linguísticos. Desta forma, Farias (2009, p. 71) propõe que:

Gêneros extremamente formais, ritualizados, como é o caso do seminário [...] têm características próprias e regras fixas [...], exige dos participantes determinadas posturas, gestos, tom de voz, organização do espaço físico, roupas adequadas, como elementos que fazem parte da significação - elementos multissemióticos.

Efetivamente, a palavra possui uma essencial conexão com o corpo. Em função disso, os códigos não-verbais de interlocução, constantemente, exteriorizam significações que as palavras não conseguem exprimir.

Além da exposição oral do seminário, é importante a presença de um esquema escrito que, “longe de ser somente um suporte auxiliar, faz parte do modelo didático do gênero e deve ser objeto de uma construção refletida” (Dolz et al., 2004, p. 223). O esquema é comumente exposto através dos *slides*. Tem como principal atividade facilitar o aluno durante sua exposição, mas também contribui para que os temas abordados fiquem expostos ao público e assegura o entendimento da sequência dos pontos que serão elucidados. Contudo, é preciso ter cautela com a linguagem aplicada na elaboração do que esquema que será estabelecida pelo público ao qual se remete. Na linguagem, os alunos devem estar cuidadosos (BUENO, 2008, p. 11):

- A utilização da norma culta da língua;
- Ao tamanho das letras;
- À cor das letras e do fundo do slide para assegurar à nitidez do que está exposto;
- A utilização de frases curtas, objetivas, abstendo-se de colocar muito texto;
- A expor exemplos de suas considerações.

Consideramos, portanto, que se o seminário for uma atividade aplicada e elaborada de forma articulada, tendo em vista as indispensáveis contribuições que colaborem à adequação do gênero, pode deixar de ser uma atividade por meio da qual se avalia apenas o conteúdo exposto pelo aluno para transformá-la em uma ferramenta que o possibilitará a apropriação de uma competência comunicativa específica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações efetuadas nesse artigo nos evidenciam que há uma lacuna e uma alta resistência no âmbito escolar em oferecer aos gêneros orais a mesma importância e cuidado concernentes aos gêneros escritos. Como vimos, o espaço escolar desvaloriza o fato de que, no seu dia a dia, os alunos utilizam em demasia os gêneros orais. Encontramos a explicação para isso quando encontramos diversos professores reféns ao (pré) conceito de que a oralidade

não pode ser ensinada pois é vista como como uma modalidade linguística desvalorizada em relação à escrita, desconsiderando, assim, o contínuo tipológico.. E no momento que decidem realizar uma proposta de atividade oral fazem-na de maneira equivocada utilizando-a apenas como uma reprodução oralizada do que está escrito.

Ao longo do artigo, percebemos que o oral é composto por particularidades que vão além do verbal, pois a oralidade se potencializa através dos movimentos gestuais. Assim sendo, o ensino do oral pauta-se, basicamente, na exploração de tais elementos. Para tanto, é indispensável uma definição clara das características do gênero que se pretende ensinar e a consciência de que um trabalho sistemático com o oral exige conhecer as suas relações com a escrita.

Em resumo, esperamos que a nossa pesquisa tenha conseguido mostrar que o trabalho com o gênero oral seminário em instituições como a escola, pode ser muito gratificante, ou mais do que isso, pode realmente propiciar o domínio da palavra pública pelos alunos. Assim, relembramos o quanto é fundamental que os sistemas educacionais se comprometam em promover um ensino concreto e consciente dos gêneros, orais ou escritos, como objetos de ensino a fim de permitir que os alunos tenham acesso a várias possibilidades de ampliar a sua competência comunicativa oral e também escrita.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. 6º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, **Textualidade e Gêneros Textuais: referência para o ensino de línguas**. In: *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do discurso**. In: *Estética da criação verbal*. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. e org. Angela P. Dionisio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BUENO, Luzia. **Gêneros orais: elementos linguísticos e não-linguísticos**. In: I SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo. Anais do I SIMELP). São Paulo: USP, 2008. v. 1.
- FARIAS, Luana Francisleyde Pessoa de. **Os gêneros orais: uma alternativa sócio-interacionista para o ensino da língua materna**. João pessoa: UFPB, 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística - Programa de Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- GOULART, Cláudia. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino**. Campinas/SP: UNICAMP, 2005. 210 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas), Campinas/SP, 2005.
- JOBIM E SOUZA, Solange. **Bakhtin: a dimensão ideológica e dialógica da linguagem**. In: *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. Campinas, SP: Papius, 1994.
- KOCH, Ingedore V. **A interação pela linguagem**. 8º ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”**. In: DIONISIO, Angela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. 3º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- _____. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação.** In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino.* 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SCHNEUWLY e DOLZ, J. A exposição oral. In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola** (trad. E org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.